

ALMA MEGRETTA



A NOVA REVOLUÇÃO NAPOLITANA

Chamam-se Almamegretta e são o grupo mais famoso da nova cena musical italiana. Misturam os ritmos napolitanos com os arabs, os blues e o soul afro-americano com o reggae e bordadeiras com uma roupagem hip-hop. Um novo significado musical de um grupo inovador que é o símbolo de uma necessidade internacional daqueles que já não estão dispostos a aceitar nenhum tipo de limites, fronteiras ou barreiras.

A primeira impressão que se tem ao ouvir qualquer um dos cinco discos dos Almamegretta é que se está perante um grupo que alarga os horizontes da cena musical internacional. A amálgama rítmica hipnótica alia-se a uma atitude futurista, inovadora, inteligente e radicalmente aposta ao som mais tradicional e conservador de Itália.

Aos elementos musicais sobrepõe-se uma voz inconfundível, espontânea e potente, capaz de exprimir-se em napolitano, em italiano e em inglês. Apesar do projecto do grupo não obedecer a trâmites comerciais, os Almamegretta decidiram desde o seu início manter-se fiéis à sua própria identidade, conquistando uma fatia de público consistente, fiel e de toda a Itália, facto inédito no mercado musical italiano, numa época de manifestações regionais separatistas.

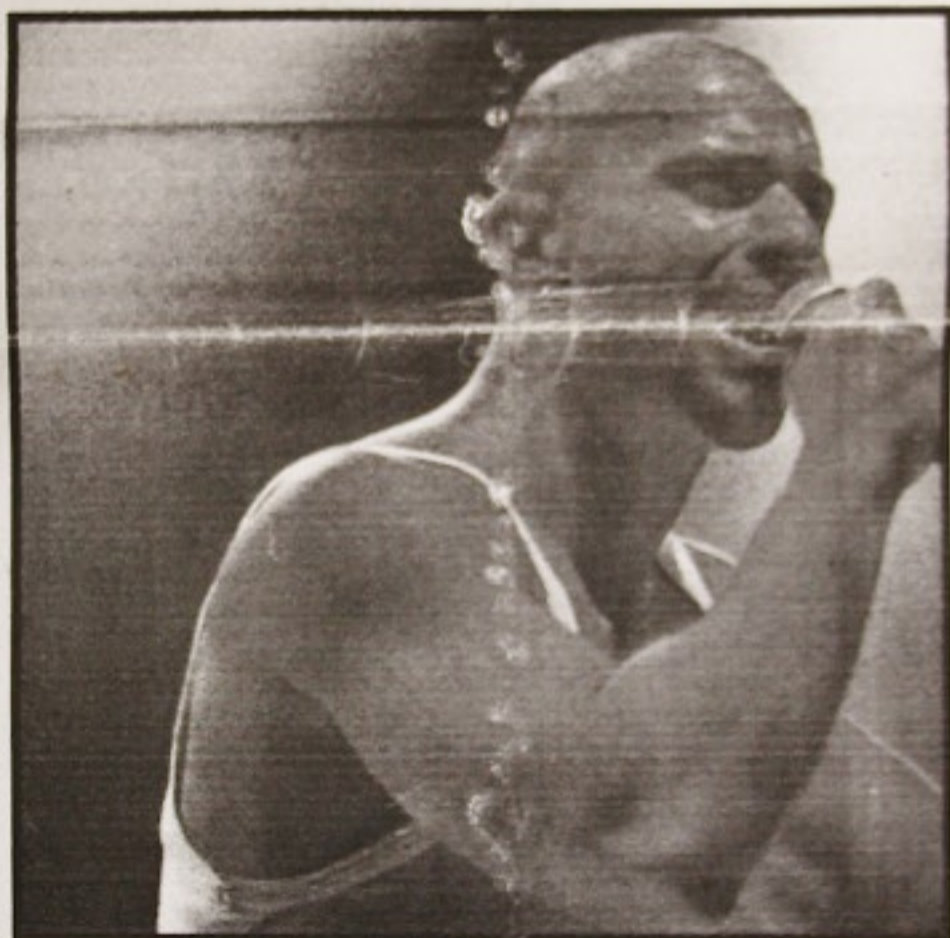
Curioso é que a linguagem dos Alma, como são chamados pelos fãs, é construída sobre a canção de autor, essencialmente a de cariz político. Talvez seja mesmo essa a razão, aliada a uma poética simples, que faz com que os fãs do grupo se emocionem facilmente ao ouvir as suas canções. No entanto a banda é portadora de uma atitude, de um «modus vivendi» que entra em conflito com as imposições da sociedade em que vivemos.

A sua música, a sua linguagem e a própria métrica, colocam em causa a imprescindível liberdade pessoal e colectiva. Tão imprescindível que a sua negação é um dos pilares da sociedade capitalista.

Os Alma são de Nápoles e não podiam ser de outra cidade. Porque Nápoles é vanguardista e projecta-se dentro de si mesma. Porque é viva, dramática, sensível, agitada. Atributos facilmente identificáveis no seu grupo mais querido. Em cada canção dos Alma sente-se o pulsar de uma tensão revolucionária que faz com que sejam um símbolo de uma necessidade internacional daqueles que não estão dispostos a aceitar limites, fronteiras ou barreiras. Que não querem aceitar uma sociedade que separa Norte e Sul, brancos e negros, tradição e futuro. Que não querem aceitar uma sociedade que parece solidária por fora mas que é totalmente egoísta por dentro. «Os Almamegretta entendem a política como uma tentativa de se fazer o destino pelas próprias mãos, de um modo directo intervindo sobre a realidade, transformando-a através de uma nova linguagem que quer transgredir» diz Gennaro Tesone, baterista e guru do grupo. Para tornar esta linguagem mais agressiva, o grupo privilegia o baixo, frequentemente distorcido «porque é o instrumento que se direcciona primeiro ao físico, sobretudo ao estômago, e só depois à mente». Um discurso ancestral, feito à base de mudança, composto por um som algo onírico, psicodélico. «Por vezes faz-me imaginar uma pessoa imersa numa bola de água: uma enorme bola de cristal cheia de água, com uma pessoa feliz lá dentro, como se estivesse dentro de uma placenta», ilustra o líder dos Alma, traduzindo a

ideia de que o seu grupo produz uma sonoridade líquida e sensual com um ritmo sólido que revisita e reinventa a tradição e a música popular do mundo. Uma aventura harmoniosa e melódica que se exprime fundamentalmente em napolitano, um dialecto de grande imediatismo, muito musical, que faz viajar os sentimentos e que vibra em cada sílaba.

A atmosfera, inquietante e intrigante, faz acender protestos. Mas aqui, a denúncia social é feita com humor e a expressão de reivindicação busca raízes étnicas para não ser tão directamente revolu-



cionária. Contudo, o que mais surpreende na música dos Alma é a recuperação da tradição popular napolitana misturada com o rock cósmico alemão (krautrock), o funk, o progressivo dos anos 70, o jazz mais refinado, o reggae mais batido, o soul mais puro, o som árabe mais inédito, o blues afro-americano mais esquecido. Todos estes ritmos revestidos com uma roupagem hip-hop. O resultado é um novo significado musical. As letras falam dos sem abrigo, dos racistas, da falência do capitalismo, da alienação colectiva dos que vivem para além do sistema, dos que lutam por uma sociedade mais justa e fraterna. Sempre de uma forma directa, por vezes agressiva, contundente.

Já é tempo de Portugal conhecer esta nova Alma musical italiana.

José Manuel Simões,
em Nápoles